



VISTA DE KENSINGTON.

C. M. L.

VISTA DE KENSINGTON.

Este desenho é tirado nas fazendas de Kensington-Gore, e sitio destinado para a galeria nacional de pinturas. Kensington é uma parochia de Inglaterra, distante de Londres uma legua escassa, onde ha uma casa de campo e palacio real com uma grande tapada, e onde existia já uma escolhida collecção de quadros. Ali se vêem egualmente muitas e bellas residencias campestres de particulares, entre-outras Holland-house, onde morreu Addisson, autor da famosa tragedia de «Catão», e distincto collaborador do «Spectator».

M.

O PAGEM DA RAINHA.

Romance.

Continuação.

IV

O CRIME PELA CORÔA.

N'uma espaçosa sala do palacio D. Leonor e o valido conversavam baixinho; parecia que algum tempo tinha decorrido desde que fôra encetada esta pratica, ou acalorada devia ter sido, porque no rosto da rainha traduzia-se uma desesperação profunda, apesar de na cara d'uma hypocrita indifferença de-sejar mostrar tranquillidade.

— Sois um bravo, senhor conde. Dizia a mulher ambiciosa, que nada pouparia para morrer cingindo a fronte pelo regio diadema, e repassando as suas palavras pelo mais pungente sarcasmo. — É pois uma mulher que lhe compete dar coragem ao seu destemido campeão.

— Sabei que eu...

— Sois fraco.

— Morreria.

— Por vencer.

— Mas...

— Nunca pôr lutar.

— Todavia, senhora, bradava o conde, conduzindo D. Leonor á janella que lançava para a fachada do palacio; olhae.

— É o Mestre. Disse tranquillamente Leonor.

— Acompanhado de muitos..

— Cumprem as minhas ordens. É o seu dever.

— Mas não temeis?...

— Nunca. Vou ao conselho; ide ordenar os archeiros da minha guarda, e ponde-os de modo que ao primeiro alvoroço a minha segurança nada periguo.

— E se o Mestre recusar?

— Deixae, tornou ella; D. João é ambicioso, o governo da provincia do Alemtejo deve dar-lhe um excessivo prazer, partirá...

— Não sei.

— Veremos.

— Todavia, continuava Fernandes Andeiro, olhando ainda o Mestre que esperava a hora designada para o conselho, de que não conhecia a causa; D. João d'Aviz é o verdadeiro senhor do reino; vêde-o orgulhoso no meio da rebelde nobreza de Portugal, senhora D. Leonor, tudo isto annuncia...

— Que o meu poder vacilla.

— É por nós que eu tremo.

— D. Leonor nunca tremeu diante do perigo.

— Deus vele por vós, senhora.

— Hade velar. Dae-me o pergaminho que sabeis...

E João Fernandes Andeiro tirou d'um armario encravado na parede um largo pergaminho com os sellos portuguezes, que entregou á rainha.

— Mandae, disse ella, guardando o pergaminho, mandae reunir o conselho.

O conde saiu.

Leonor que ficava só acompanhou-o com a vista, e um despreso aviltante parecia a paga unica da sua dedicação por ella; sentou-se, e revolvendo no pensamento o que ha pouco passara com o pagem, disse:

— É um pobre instrumento da minha vontade, mas fraco como é pode pôr por obra uma vingança. E passando do odio que a vingança inspira, ao remorso com que Deus pune os maus nas horas da solidão, torcia violentamente as mãos, bradando: — Pobre insensato, crer no meu amor, porque não compro por oiro este delicto, em vez de o comprar pelas manchas do sentimento? — Mas erguendo-se, e repellindo tudo que parecia reviver de nobre na sua alma pervertida, exclamou, passando a mão pela fronte: — Não heide recuar! O teu futuro, Mestre d'Aviz, hade escrevel-o o punhal do meu pagem. Quem duvidar da minha realeza heide abater-lhe o poderio com o sceptro do vencedor de Silves! — E topando n'este instante com o diadema que lhe cingia a fronte, continuou, sorrindo aprasivel: — Minha corôa, minha corôa, que tão formidavel combate hasde custar-me, só te largarei, largando a vida. Desgraçado dó que duvidar que eu sou rainha de Portugal!

D. Leonor sentiu passos que se aproximavam, correu á porta, ergueu o reposteiro, era um pagem que prevenia que os senhores e cavalleiros esperavam sua real senhoria.

Alguns instantes depois, na sala do docel, a rainha D. Leonor estava cercada da boa gente portugueza, e apresentava ao senhor D. João d'Aviz o pergaminho de sellos pendentos.

Continua.

F. SOARES FRANGO, JUNIOR.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

Continuação.

CARTA XIX.

ANECDOTAS DO CONDE DE S. LOURENÇO. — O CONSUL HOLLANDEZ. — CEIA LUGUBRE.

Os principaes personagens que tão piamente se distinguiram hontem jantaram comigo n'esta abençoada tarde. O velho S. Lourenço tem prodigiosa memoria e a imaginação escandecida, ainda mais exaltada por um leve toque de loucura. Apresenta-se perfeitamente conhecedor da politica geral da Europa, e posto que nunca desse um passo fora das raias de Portugal, narra tão circunstanciada e plausivelmente os modernos successos, e a parte que elle proprio desempenhou no congresso d'Aix-la-Chapelle, que eu caí no logro e acreditei, emquanto não me informaram do segredo, que elle effectivamente presenceara o que só tinha sonhado. Não obstante a subida graça em que estava para com o infante D. Pedro, o marquez de Pombal o havia encarcerado com outras victimas da conspiração do duque de

Aveiro, e por dezoito tristissimos annos achou-se a sua idéa activa reduzida a se alimentar dos seus proprios recursos.

Pela exaltação da rainha actual saiu solto, e encontrou participante do throno S. A. R., seu intimo amigo; porém, vendo-se recebido friamente, e posto de banda com vilania, arrojou a chave de camarista, que lhe haviam mandado, a um logar pouco limpo e decoroso, e recolheu-se á casa religiosa das Necessidades. Certificaram-me que não houve meios que o rei não tentasse para o afagar e lisonjear; mas todos foram infructiferos. Desde esse periodo, posto que largasse o convento, nunca appareceu na côrte, e recusou todo o emprego. Agora só a devoção lhe absorve a alma. Excepto quando lhe tocam na corda da prisão e do marquez de Pombal, acham-no placido e rasoavel, como hoje o achei extremamente, e com carradas de mui instructivas e divertidas anedotas.

Tomado o café, a minha companhia estirou-se toda ao comprido e do modo mais commodo, uns na esteira, outros nos sophás, para realentar o espirito, supponho eu, depois das piedosas lida e enthusiasmado prestito do dia antecedente; venci do Marialva que me acompanhasse a casa de Guildmeester, com quem fomos dar n'um vasto, mas desencadernado salão, e os seus sapos acaçapados á roda de si. Serviu-nos excellente chá, alambazadas fatias de pão de mistura e manteiga deliciosa, fresquinha d'aquelle dia, e manipulada segundo o genuino e invariavel modo hollandez.

D. Genoveva, o sapo passivo e camareira, é uma velha do feitio de um poial, com uma cabeça de pião e um par de beiços grossos, placida, risonha e benevola: miss Coster, o sapo activo, havia de ter sido bonita ha uns poucos de annos, faz o chá com todo o decoro, fecha as portas e abre as janellas com sciencia, e já tem bastante que allegar quando pode repotrear-se na sua cadeira.

Apenas tinhamos começado a comprimentar a dona da casa ácerca do completo resultado da sua criação de vaccas, veiu o consul e sua velha mulher com muitas mesuras e saudações trazendo uma gamella envernizada, onde brilhava com profusão um copioso thesouro de diamantes tanto brutos como lapidados, fructo de seu famoso e mui lucrativo contracto no tempo do Pombal; alguns dos maiores fazia elle empenho em que Marialva os recommendasse á rainha, e disse-mê ao ouvido que tambem estimaria que eu desse algumas palavras a seu respeito.

Fiquei estupefacto, e o marquez deslumbrado com aquelle esplendor e riqueza; voltou para o seu gabinete interior sem lhe reviverem as esperanças, e nós saímos.

Adiantava-se a tarde, e um nevoeiro com seus borrifos toldava os pincares penhascosos da serra de Cintra; isto, porém, não nos impediu de ir a casa de mr. Horne. Passámos por debaixo de arcadas de ulmos e castanheiros, cuja ramagem humedecida exhalava o cheiro refrigerante das mattas. Dissipados os vapores exactamente quando desembocavamos da sombria avenida, apparecia a torrinha do convento da Pena, debilmente tinta com os ultimos raios do sol, e afigurando-se-nos, como a arca no monte Ararat, n'um mar de nuvens ondeantes.

Em casa de Horne, Aguilar, Bezerra, e a companhia do costume, achavam-se reunidos. O marquez, assim que desempenhou as suas complacentes e alcatusadas cortesias para a direita e para a esquerda, retirou-se á sua quinta; eu tomei Horne na mi-

nha carruagem até á residencia da senhora Staits, pessoa baixinha, de cintura delgada e esbelta, de olhar damninho, porém nada desagradavel, nem de coração deshumano; fazia annos n'esse dia, e havia congregado a maior parte dos iuglezes, que estavam em Cintra, n'um jardim humido de setenta pés de comprido por trinta e dois de largo, illuminado com trinta ou quarenta lampiões. A dama Guildmeester ahi estava coberta de diamantes, rebuzente como uma estrella no meio da sua obscura atmospherá. Tivemos uma funebre ceia fria debaixo de uma barraca á imitação de gruta.

O marido de mrs. Staits, bem disposto e de boa feição, deu-me logar junto de mrs. Guildmeester, que se divertiu soffrivelmente á custa do festim. A apparencia subterranea da barraca, a luz desmaiada dos escassos lampiões, e a fragrancia de um prato de camarões grandes e mais do que maduros, me suggeriram a idéa de estar morto e enterrado. — «Ai! (disse para a minha amavel visinha) foi-se tudo para nós! Eis o nosso primeiro banquete nas infernaes regiões; todos somos eguaes e aqui confundidos. Ali está a piédosa presbyteriana mrs. Tussock com a empertigada rapariga sua irmã, e logo ao pé o casal de adulteros pombinhos, mr... e a sua sultana; eu, miseravel peccador, fico defronte do vosso honesto e pacifico esposo, e pouco mais abaixo o nosso benigno hospedador, modelo de brandura e resignação conjugal. Escutae! Não ouvis a bulha de coisas que caem e se amontoam? Estão despejando uma carregação de mortos!»

N'este estylo continuámos até que o assumpto se esgotou, e chegou o tempo de cada um retirar-se ás suas poisadas.

M.

FASTOS AÇORIANOS.

Continuação. (*)

VII

PÃO-POR-DEUS.

Se eu quizesse ponderar todas as coisas da morte onde pararia?

MENDES LEAL — Os Tumulos.

Não se dê tudo á vida: Que muito é que n'um anno se consagre um dia a commemorar os mortos, e pensar no destino morredoiro da humanidade!

Homem, que passas desaperebido pelo mysterio da existencia, pára e contempla! Pouca distancia te separa dos que já foram, e por quem agora ouves o lugubre dobre dos sinos. Attende, e tudo te dirá que és nullo, e instavel no teu ephemero poder. Nem a fortuna, nem os esteios da terra bastam a escorar-te a tyrannia, que não resiste ao ligeiro sopro da morte. Para esta só ha um escudo, que não a faz temer, que torna o presente suave e o futuro risonho; é o testemunho d'uma boa consciencia, alentada pela rectidão: testemunho, que não ha razões que o eguallem na eloquencia, nem cores que o pintem com tanta animação de verdade.

Entre a vida e a morte, dizia um notavel espirito, não medeia um ponto geometrico. Mas o que é morrer? Pôr termo á existencia corporal, deixar o involucro da carne, desaparecer para sempre da socieda-

(*) Do num. 23.

de dos vivos. Que mais sublime e delicada funcção dá humana intelligencia, que meditar na morte!

Breve perderemos de vista esses campos, que ostentam por toda a parte a magestosa vegetação dos tropicos, porque densas trevas hão de separar d'elles o espirito inquieto!

Para o povoado, que além se esconde entre collinas verdejantes, estarão cerrados os olhos!

Para o murmurio da ribeira, que serpeia entre salgueiros, sob os quaes nos discorreram tantas sessas de saudosa satisfação hade o ouvido ser mudo, e a alma sem ecco!

Tudo responderá já *foste!* A sorte dos homens nos será grande mysterio: seus risos ou seus prantos um segredo apocalypticó.

Hontem assombravam-nos os monumentos da terra: ainda hoje contemplamos o sol doirado, e muitos respiram os perfumes das suavissimas flores do Atlantico: amanhã tudo se terá sumido para nós, que vivemos como o relampago fulge. As aguas que espelham o firmamento azulado, ter-nos-hão fugido da vista para seguirem seu curso secular. O pó d'este cadaver, confundido na herança commum da terra, será espesinhado pelos vermes!

N'este dia, o apparato lutuoso do templo; tantos versos de desengano, alumados sinistramente por luzes pallidas; o accento lugubre do canto, que resoa por naves e capellas; convidam a esquecer o mundo, e pensar no destino que á porta nos bate inexoravel.

Infeliz do que não comprehende que a eça é marco intermedio, que aponta a um tempo o passado e o porvir; passado, arrebatado á vista para sumir-se no profundo jazigo da terra; porvir, que se re-bella aos calculos, e despenha o homem das rissonhas alturas da vida na mansão de cadavericos espolios!

Penosa hora, condição afflictiva! Ali, nos umbraes da sepultura, se vão perder irremissivelmente os poucos encantos, a memoria das afeições da vida. Tudo vae trocar-se por uma sorte incerta, em theatro mais incerto e desconhecido! A luz dos olhos, que se deleitava com as feições mais queridas, com os objectos mais amados, vem-na offuscar e apagar a hora do passamento, e arrebatam o moribundo a novo mundo que não havemos em vida conhecer. Que destino! Volve-se facilmente d'um a outro confim do mundo; so o finado, que apenas algumas mãos de argilla separam de nós, não volverá já mais!

Como é augusto o pensamento de commemorar os finados! É o dia que nos ensina a desprender os olhos da terra e das avarezas, e trocar pela vista do solo irregular e safaro, a contemplação do ceo azul e brilhante, que suggere meditações de mais alta região. Que mal, que na vida do homem estes dias e estas absolvições sejam tão raros e passageiros!

Se lá no fundo dos carneiros podem ouvir-nos, es-cutem-nos as preces. Possam algumas lagrimas de piedade filial refrescar as cinzas d'uma mãe e d'um pae, que foram muito amados. Possa a saudade paterna orvalhar a sepultura do filho innocentinho! A memoria dos mortos foi sempre monumento sagrado pela reverencia do mundo. Oxalá, que os que vierem depois de nós não creiam importunos estes religiosos sentimentos, e commemorem com animo devoto os que primeiro vieram pagar o tributo de perecer.

Ahi vão as ondas de povo, em fluxo e refluxo pelas egrejas de todas as ilhas açorianas. Ahi vae o tropel, que concorre não á festa ostentosa, mas ao sacrificio ingenuo e piedoso. Pelas ruas e templos, com apostrophes sentidas, invocam os pedintes a caridade Jos

fieis, e ninguem ha que não dê um obolo *pelas almas*; (*) ninguem ha, que seja surdo ao quasi continuo dobrar do campanario, que chama a meditar e a orar; porque a recordação dos finados, superior á memoria dos vivos, lembra uma lei universal, que o anjo exterminador pode, agora ou logo, vir escrever-nos no lumiar da porta.

As egrejas apresentam aspecto bem notavel. O tropel que vae prestar homenagem, e commemorar os que ceifou a mão gigantesca do peccado, desterrou do templo o morno silencio festival. Todos vão e vem: todos oram com venturosa confiança n'este dia de funebre recolhimento.

Ainda bem que nos Açores, onde cada dia o fanatismo e a superstição experimentam novos desbarates, o que merece respeito tem-no sempre prompto e de sobejo no peito dos habitantes, e o dia da commemoração dos finados é para o povo insular um dos principaes fastos da sua religiosa piedade.

«Se (para os açorianos) as coisas da vida são muitas, as da morte são muito mais.»

JOSÉ DE TORRES.

DILUVIO DE AGOA E FOGO QUE SE PES NA ILHA DE S. MIGUEL DE QUE HE CAPITAM MANUEL DA CAMARA E BISPO D. MANUEL DE ALMADA, E ISTO ACONTECEO NO ANNO DE 1563.

Esta Ilha de S. Miguel corre do nassente ao poente, tem dezouto legoas de comprido e tres de largo de mar a mar, e para a banda do nacente outo legoas de comprido que se começa da banda do norte da villa da Ribeira grande, até a villa do nordeste que he o Cabbo da Ilha, e da banda do Sul de Villa Franca até a dita villa do noroeste corre as mesmas outo legoas. Ha grandes serras e picos muyto altos de grandes matos e criaçoens de guados, e nas fraldas destes picos são terras de pam. E nove povoaçõens de Freguezias, e desde que se achou a dita villa até agora sempre nestas terras em muytas partes se acharão muytos fogos, e os ha hoje em dia os quais lanção de sy enxofre principalmente as furnas grandes que estão no meyo desta serra. E assi apar destas furnas naçe hua ribeyra grande de agoa quente que em parte senão pode sofrer e será a hua legoa e meya ao mar è assy sobre a villa da Ribeira grande estão huas caldeyras de agoa fervendo e lançam de sy muyto enxofre e fumos e asy sobre a dita villa está hu pico que se chama o pico que arde e lança fumo de sy em muytas partes muytos fumos, os quaes saem de lameyros de agoa o que mostra aver fogo debaycho de toda esta serra que alli de continuo arde, e todolos annos treme esta terra duas tres e quatro vezes no anno, e dura as vezes este tremor oito e nove dias, tremendo entre dia e noyte quatro e cinco vezes.

Este anno de 1563 hua quinta feyra dia de S. João comesou a tremer a terra tão amiudado, e tamanho, que toda a gente da Ilha andava espantada, e toda dormia no campo gastando a mayor parte do dia e da noyte, em prociçoens com muytos dissiplinantes

(*) *Pão-por-Deus* se chama a esmola d'este dia. Alguns, não sabemos com que abono de razões, dizem que isto é nome que ao mimo do dia de Todos-os-santos respeita. *Pão-por-Deus* é puramente a esmola que se dá em tenção dos defuntos, ou seja no dia proprio ou na vespera; esmola a que tambem a rapasiada se julga com direito, e para o que de porta em porta a todos importuna voz em grita, com monotona cantflena. Quando o pedido é infructuoso, costumam ir ao largo da casa resmungando facecias pouco espirituosas!

fazendo os meninos prosição por sy dessiplinandosse todos isto com o grande medo do terramoto da Terra, e com estes tremores cahirem muytas casas da Villa da Ribeira grande, a s. as duas partes della e da Villa da Alagoa e da Villa da Agoa do Pao alguas, e por muytos lugares da Ilha. a cauza deste tremor era que estava hu pico muyto grande, e alto que se chamava o pico da Lagoinha que tomou este nome por causa de aver na coroa deste pico hua alagoa piquena, e na fralda deste pico esta outra alagoa muyto grande, a terra della seria de quatro moyos em sementeira, este pico está entre Villa franca e a villa da Ribeyra grande que estão ambas norte e sul; Villa Franca, ao sul, e a Ribeyra grande ao norte; tinha mais este pico da banda do sul hua ribeyra que corria a Villa Franca na qual rybeira tinha o capitam Manuel da Camara moendas que lhe rendiam mil cruzados, e donde nacia esta ribeyra nacia outra para a banda do norte que hia por meyo da villa da Ribeyra grande na qual tinha o capitam moendas que lhe rendiam dous mil cruzados as quaimoendas se perderão como ao diante direy. Tinha mais este pico da banda donde naçe o sol hūs lameyros pequenos os quaes continuamente lançavão fumo e se achava enxofre, tinha este pico da fralda em redondo hua legoa e meya segundo o paresser de todos, por onde estava este lameyro que lançava estes fumos se alevantou fogo no centro deste pico que se presume que deste lameyro se assendeo porque em todas as Ilhas aonde estão estes fogos todos estão em lameyros de agoa. E com a grande fortaleza e poder do fogo fazia tremer a terra como arriba digo pello fogo não poder sahir debaixo do pieo de que se pode tomar exemplo de hū castello minado a que sa poem o fogo.

E tremendo assim a terra desde o dia de S. João como atras digo ha 2.^a fr.^a vespora de S. Pedro hua hora antes do sol posto avendo grandes tremores em toda a V.^a mayores e mais a meudo q̄ dantes estando todo o povo da Ilha nos campos com grandes medos foy visto muyto alto no ar toda a ilha cuberta de fogo o qual estava em grandes nuvens muyto negras e dellas sahiam grandes faiscas de fogo q̄ assendiam sobre a cidade villas e lugares isto com grandes trovoadas gemidos da terra e estrondos e grandes terremotos o q. tudo sahia do dito pico da Lagoinha q. a rebentava com a tortidão do fogo, e foy este fogo tão alto e estes estrondos tamanhos q. na propria hora foy visto na Ilha 3.^a q. esta trinta legoas ao poente desta ilha, e assim foy visto na Ilha de S. Jorge, e do pico e graciosa e o fayal que são sessenta leguas da Ilha de S. Miguel e tiverão este fogo e trovões tão presentes q. lhes parecia ser nas suas proprias Ilhas, e todo o povo destas Ilhas outo dias não entrarão nas casas e gastavão o tempo de dia e de noyte em muytas procisoens por assim serem assombrados do fogo e temor.

Estando assy o fogo sobre estas villas, e emtanto trabalho hua hora ja andada da noyte pella miz.^a de nosso Senhor surgio hum vento sul do mar e lançou esta nuvem negra para a parte do nassente aonde estão estas serras altas q. assima digo que são outo legoas de comprido e tres de largo de mar a mar e desta nuvem negra comesou a chover pedra pomes q. he hua pedra q. o fogo cose e fica muito alva q. paresse pedra hume cozida. He muyto leve, a qual cahio e choveo sobre nove freguezias q. estão dentro nestas outo legoas da banda do norte a longo do mar a s. Porto fermoza a Maya, os Reys Magos, a Achada, a achadinha S. P.^o a V.^a do Nordeste da banda

do sul as Terras de villa Franca a povoação Velha, o Fayal. E chovia esta pedra muyto basta e muyto po q. paressia farinha que se peneyrava q. tão basta que ja a grandura desta pedra hera tão grande como bollas grandes e dahy para baixo, e muytas pedras q. se acharão da grandura de cãtos de casas a qual cahida de pedra durou ate o sabado seguinte passado São Pedro, fazendo tão grande escuridão q. sempre hera noyte, e tão escuro q. na rua não vião os homens as mãos, e durava hua hora de relógio, e fazendo algũa claridade acabada a hora do escuro não durava mais q. hu quarto de hora, e esta claridade hera e parecia luar quanto se podiam ver hūs aos outros, neste tempo faziam sempre de contino grandes relampagos e fachas de fogo e grandes gemidos da terra q. comtar senão pode: na cidade e na villa da Rybeyra grande e Villa Franca não chovia esta pedra senão algũa cinza pouca, e tinhão grandes tremores de terra que sempre duravão em este tempo e nos lugares e villas desta oyto legoas não tremia tanto meuda nem tão rijo.

Neste tempo e dias os povos destas freguezias onde chovia esta terra e pedra se acolhião as Igr.^{as} onde de contino gritavão e davão grandes brados pella miz.^a de nosso Snr. esmorecendo muitas molheres e homens mormente gente manceba de 26 annos para bayxo. Era tamanha a grita q. fazião os meninos pellas mãis que choravão pelas mãis lhe não poderem valer por assim verem a morte consigo q. se acopavão em pedir Miz.^a a nosso Senhor; e com esta grita grande os vigayros e curas não podião fazer procisoens nem os aver calados para os consolar, os quais vigayros trabalharão quanto puderão e os fizerão vir a confição e lhe davão o Santo Sacramento a toda a ora do dia q. estavam confesados e dizião missa a meya noyte para se fazer o Sacramento ouve vigayro que disse missa as ave Marias para fazer o Sacramento para dar, em vinte e quatro horas se achou confessar hu cura q. estava so duzentas almas. E neste meyo tempo mandava assentar a gente por vezes e de giolhos e lhe fazião absolvição geral.

Estando neste trabalho desde a vespora de S. Pedro ate o sabado pella manhã q. se puderão acolher passava a gente muyta fome e sede por não haver agoas q. todas herão cubertas de terra e não aver molher que pudeçe achar com que peneyrar né amassar porq. o medo da morte lho tolhia podelo buscar e estarem as cazas ja entulhadas de pedras e sinza. Tanto que a escuridade dava este lugar de quarto de hora como assima digo hião algus homes as rochas as fontes a buscar agoa e la lhe tomava o escuro e não tinhão remedio senão deytarse no chão atee passar o escuro e se levantavão cubertos de terra, e a agoa q. traziam hera envolta de terra e dela se dava ao povo com muyta provizão, e não comião por o não aver; e se algum mantimento se achava o temor da morte lhe tolhia a vontade de comer.

Neste tempo os gados andavão no campo e na serra assim grosso como miudo vendose que as pedras lhe davão e vendo do dia e noyte e q. não achavão q. comer, nem heber por as terras serem todas cubertas de pedras e da terra acodia toda a grita das gentes e se metia nas Igrejas e dava gemidos e brados q. hera cousa de espãto, e se vião hu homem se hião a elle mormente bois e vaquas e mostravão pedir que lhe valecem, as aves do ar morriam todas e as viam estar nos campos pasmadas, e esperavão tomalas e semetiam nas casas e nas Igrejas.

Neste tempo não sabiam estas freguezias o q. passava na cidade de ponte delgada nem nas mais vil-

las por não poderem pasar pellos caminhos por estarem emtopidos e as ribeiras virem muito grandes. Foy tanta esta pedra que choveo e a terra que nas terras de pam sobre os trigos que estavam semeados ficou altura de sete ou oito palmos, e nas serras choveo mais porq. todas as rigueyras grandes da altura de hua lança de 26 palmos e mais ficarão razas e os mátos acravados q. não parece pao nem arvore nenhuma.

Continua.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

Não vae de certo fora de logar mencionarmos aqui a transformação porque passou o edificio de Santo Antão, depois da extincção da Companhia de Jesus. Em 3 de abril de 1775 foi transferido para elle o Hospital de Todos os Santos, e o Collegio tomou o nome de Hospital de S. José, em obsequio ao monarcha, em cujo reinado este acontecimento teve logar.

O Hospital de Todos os Santos era situado no sitio em que hoje fica a Praça da Figueira. Tinha a face principal para o Rocio, desde a rua da Bitesga, até ao dormitorio dos frades de S. Domingos, que occupava quasi a terça parte da extremidade septentrional d'aquelle lado do Rocio.

O Hospital e o dormitorio assentavam em trinta e cinco columnas de cantaria, com arcadas e lojas. Aqui se fazia uma feira todas as terças feiras.

O edificio era em forma de uma cruz, de braços eguaes. Em cada angulo ficava-lhe um claustro com um poço no centro.

Tinha tambem uma horta, nada pequena, com muita agua, e dois grandes tanques onde se lavava a roupa dos enfermos. Dentro do Hospital moravam seis lavadeiras, que tinham suas mezadas e comedorias, estipendiadas pela especialidade das suas lavagens.

Os religiosos capuchos tinham ahi tambem uma enfermária para o curativo dos seus enfermos, e no edificio habitavam um vigario e cinco frades.

Deitava sobre o Rocio uma igreja muito espaçosa, e para a qual se entrava por uma escadaria de pedra, e com seu portal muito bem lavrado. Ficava esta igreja disposta de modo em relação ás enfermarias, que os doentes deitados nas suas camas ouviam a missa da capella mór.

Com o andar dos tempos, por certas considerações, substituiu-se isto por altares portateis em todas as enfermarias, aonde se officiava nos dias santificados.

Havia tambem no Hospital uma casa de engeitados, e todas as officinas correspondentes a um estabelecimento d'esta natureza.

Debaixo dos arcos, e portanto sobre o Rocio, ficava um hospicio chamado de Nossa Senhora do Amparo. Depois do incendio do terremoto abriu-se n'esse mesmo sitio a rua que vae do Rocio á do Arco do Marquez de Alegrete, e ainda hoje se chama rua do Amparo.

As enfermarias eram dezeseis, divididas em feridas, febres, venerco, camarentos, doidos e convales-

centes. Havia mais duas devolutas para servirem quando a affluencia d'enfermos era grande.

Estas enfermarias tinham umas nomes de santos, e outras das molestias para que eram destinadas.

Além de quatro casas para doidas, e cinco para doidos, e a roda dos engeitados, e o hospicio do Amparo, o numero das camas no resto das enfermarias era de trezentas e vinte e quatro. No anno de 1620 chegou o Hospital a ter seiscentos doentes.

O serviço clinico do Hospital de Todos os Santos era feito por dois medicos (physicos) e tres cirurgiões que viviam dentro do Hospital para occorrem a qualquer caso accidental, e tinham de ordenado annual quarenta mil réis, e certas pitanças em carneiro, azeite, vinho e legumes, em dias de festa.

Havia ali constantemente sete praticantes a quem o Hospital dava casa, cama e comida, e em dia de Todos os Santos umas meias, sapatos, e umas roupetas de saragoça muito compridas, que lhes davam pelo meio das pernas, e com ellas sempre andavam vestidos. Obtinham no fim de certo tempo serem examinados, e com as cartas que se lhes passavam, podiam curar em todo o reino,

O serviço do Hospital estava entregue á Misericórdia. O provedor d'esta irmandade era o enfermeiro mór. Tinha adjunctos, com titulo de mordomos, para superintenderem nas diversas repartições, de que dependia o bom serviço dos doentes, e serviam mensalmente, revésando-se. Todos estes cargos eram annuaes.

A accitação dos enfermos tinha logar todos os dias de manhã; no verão ás seis horas, e no inverno ás sete.

Para este fim reuniam-se o enfermeiro mór e o facultativo na casa chamada das *aguas*, porque n'ella se examinavam as urinas de todos os doentes. Aceito ahi o enfermo, levavam-no á igreja para ser confessado e receber os Sacramentos, passando depois á enfermaria competente, aonde lhe assentavam em um livro, nome, filiação e naturalidade.

D. João II foi quem fundou este Hospital; que primeiramente se denominou de El-Rei. Lançou-se-lhe a primeira pedra em 15 de março de 1492. No tempo d'el-rei D. Manuel foi que se concluiu. Este monarcha obteve do papa Alexandre VI, no anno de 1501, o breve para reunir a este todos os outros hospitaes espalhados pelo reino.

No dia 27 de outubro de 1601 houve um incendio n'este edificio, ficando a sua igreja reduzida a cinzas. D. João V reedificou-o, concorrendo tambem a esta obra uma testamentaria de um tal Francisco Pinheiro.

Em 10 de agosto de 1750 tornou a ser incendiado, ficando quasi completamente reduzido a ruinas.

Só uma enfermaria escapou; era a chamada dos Camillos. Esta alargou-se para o palacio do Marquez de Cascaes, que el-rei D. José comprou, e começaram então as obras da nova edificação, quando veio o terremoto de 1755, que a destruiu completamente.

N'essa occasião os doentes que escaparam, e estavam na enfermaria de S. Camillo, foram conduzidos para as cabanas do Rocio, onde por tres semanas estiveram expostos ao rigor do tempo. Passaram depois para umas cocheiras do conde de Castello Melhor, fronteiras ao palacio do conde de Povolide.

Em 1763, já estavam construidas muitas enfermarias, e então os doentes vieram para o seu antigo hospital; mas expulsos os jesuitas foram então definitivamente transferidos para o Collegio de Santo Antão no sobredito mez de abril, como dissemos.

O plano com que se tratou de affeição o Collegio a Hospital foi grandioso, porém não se levou a effeito. Na planta que temos presente, e que foi do architecto Sousa, achamos marcados os seguintes commodos, divisões, e suas explicações.

- | | |
|--|---|
| 1 Entrada principal. | 51 Casa das gallinhas para os doentes. |
| 2 Pateos. | 52 Pateo das gallinhas |
| 3 Passagens cobertas do uso do Hospital. | 53 Casa das pennas das gallinhas. |
| 4 Escada principal por onde subiam os homens doentes. | 54 Commodos dos praticantes de cirurgia. |
| 5 Escada principal por onde subiam as mulheres doentes. | 55 Refeitorio dos ditos. |
| 6 Commodos da parteira. | 56 Cosinhas dos ditos. |
| 7 Commodos da ajudanta. | 57 Casa da lenha da dita. |
| 8 Commodo do cirurgião do baneo para fazer aceitar os doentes que vinham depois da visita. | 58 Casa da dispensa. |
| 9 Casa das confissões da porta. | 59 Casa do cosinheiro dos praticantes. |
| 10 Commodos do roupeiro. | 60 Despejadoiro dos praticantes. |
| 11 Aulas da cirurgia, | 61 Passagens cobertas do uso dos praticantes para a igreja dos Arrabidos. |
| 12 Commodos dos servos da casa. | 62 Portaria dos agonisantes. |
| 13 Casa para guardar o pão dos enfermos. | 63 Escada principal dos agonisantes. |
| 14 Casa para o trinchante repartir as rações. | 64 Transito da entrada para o refeitorio, e n'elle ficava o lavatorio. |
| 15 Escada principal por onde se levava da cosinha o comer para os enfermos. | 65 Refeitorio. |
| 16 Cosinha principal d'este Hospital. | 66 Cosinha. |
| 17 Casa do fogão. | 67 Casa da lenha. |
| 18 Casa da lavagem da cosinha. | 68 Dispensa. |
| 19 Casa da agua, ou conserva de agua. | 69 Despejadoiro. |
| 20 Casa por onde se tirava a agua da conserva para uso do Hospital. | 70 Casa do cosinheiro e casa de guardar os pannos do refeitorio. |
| 21 Casa da lenha. | 71 Passagem para o jardim dos agonisantes. |
| 22 Segunda entrada do Hospital, e do uso do carro. | 72 Jardim dos agonisantes. |
| 23 Casa da copa, ou de guardar o cobre da cosinha. | 73 Jardim dos enfermeiros e convalescentes. |
| 24 Dispensa. | 74 Igreja dos Arrabidos. |
| 25 Casa da pastelaria. | 75 Adro que dava serventia aos Arrabidos e agonisantes. |
| 26 Outra casa de lenha. | 76 Portaria dos Arrabidos. |
| 27 Despejadoiro do uso dos servos da cosinha. | 77 Escada principal. |
| 28 Commodos do trinchante. | 78 Passagem da portaria para a sachristia. |
| 29 Casa da lenha pertencente á cosinha dos convalescentes. | 79 Sachristia. |
| 30 Casa das gallinhas da dita cosinha. | 80 Escada que sobe da sachristia aos dormitorios. |
| 31 Casa do cosinheiro e ajudante da referida cosinha. | 81 Casa dos ornamentos. |
| 32 Passagens para a escada que ia para os convalescentes e commodo d'esta cosinha. | 82 Casa para o esquife. |
| 33 Escada que subia para os convalescentes. | 83 Casa do porteiro. |
| 34 Cosinha dos ditos. | 84 Casa para aguas. |
| 35 Casa de lavagem d'esta cosinha. | 85 Casa para confissões. |
| 36 Casa da copa dita. | 86 Casa para os moços. |
| 37 Casa da dispensa dita. | 87 Casa para barbas. |
| 38 Casas do cosinheiro e ajudante dos enfermeiros. | 88 Casa de lenha da pastelaria. |
| 39 Casa da lenha pertencente á cosinha dos enfermeiros. | 89 Casa da pastelaria. |
| 40 Dispensa dos ditos. | 90 Casa de profundis. |
| 41 Cosinha dos enfermeiros. | 91 Refeitorio dos padres Arrabidos. |
| 42 Refeitorio dos ditos. | 92 Casa de guardar os pannos do refeitorio. |
| 43 Casa de guardar os pannos e mais pertencas ao refeitorio. | 93 Cosinha. |
| 44 Rouparia dos enfermeiros. | 94 Casa de agua. |
| 45 Casa das barbas dos ditos. | 95 Casa de lenha. |
| 46 Dormitorio dos enfermeiros. | 96 Escada que sobe ao dormitorio. |
| 47 Escadas que subiam aos dormitorios de cima. | 97 Dispensa. |
| 48 Desaguadoiros dos enfermeiros e do cosinheiro. | 98 Desaguadoiro. |
| 49 Serventias dos enfermeiros irem á cosinha principal. | 99 Um vacuo. |
| 50 Commodos do cosinheiro da cosinha principal. | 100 Pateo de gallinhas. |
| | 101 Casa de gallinhas. |
| | 102 Uma outra casa. |
| | 103 Horta. |
| | 104 Jardim. |
| | 105 Palheiro. |
| | 106 Cavalhariça. |
| | 107 Passagem coberta do uso dos padres irem á botica. |
| | 108 Cocheiras, cavalhariças, e palheiro para as bestas do uso dos medicos, cirurgiões, e secretarios. |
| | 109 Despejadoiros geraes do uso dos servos dos medicos, e cirurgiões, e secretarios. |
| | 110 Casa dos moços da tumba. |
| | 111 Casa das tumbas. |
| | 112 Desaguadoiros dos servos da casa. |

- 113 Commodos dos procuradores do Hospital.
 114 Commodos do boticario.
 115 Botica.
 116 Commodos do porteiro.
 117 Commodos do cirurgião do Banco.
 118 Um vago.
 119 Transito por onde se devia fazer entrada para a escada da casa da fazenda.
 120 Escada principal para a casa da fazenda.
 121 Commodo do estribeiro.
 122 Uma casa.
 123 Transito com serventia e escada para o papelista.
 124 Casa dos criados do enfermeiro-mór.
 125 Despejadoiros do publico.
 126 Commodo do mestre da solfa.
 127 Casa vaga para uso real.
 128 Escada principal por onde sobe o rei.
 129 Passagem dos archeiros para a igreja.
 130 Passagem de toda a familia do Hospital para a igreja.
 131 Sala vaga do uso da magestade ir á igreja, tanto da sua tribuna, como da sala dos archeiros.
 132 Escada particular que subia á tribuna real.
 133 Escada que subia á tribuna do Sacramento e orgão.
 134 Casa dos despejos da sachristia.
 135 Sachristia.
 136 Casa dos lavoires.
 137 Casa da cera.
 138 Aula de solfa e latim.
 139 Passagens da aula, e do pateo para a igreja e sachristia.
 140 Sala da passagem da igreja para a sachristia.
 Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XXVIII

De como veio um homem chamado o Macedo, da ilha de S. Miguel, com fingimento para matar Ciprião de Figueiredo.

Estando no porto d'esta cidade uma nau franceza, e outras, chamava-se o capitão de uma Clenis. Amanheceu n'este tempo em o porto um barco da ilha de S. Miguel, da cidade de Ponta delgada, onde veio um homem dos principaes d'ella, por nome o Macedo, que foi o que na cidade de Ponta delgada levantou o Snr. D. Antonio por rei. Este fingio que vinha fugido para esta cidade, para servir n'ella o Snr. D. Antonio, e que não iria em cousa alguma contra seu serviço. E elle vinha para matar o ditto Ciprião de Figueiredo, e tendo muitas praticas, e mostrando-se muito servidõr do Snr. D. Antonio, e muito alegre de se ver n'esta cidade de Angra, e todos o criam e lhe fizeram muitas honras festejando-o muito. Como elle vio a terra no estado em que estava, e não se atreveu a acertar o intento a que veio com-poder escapar-se, arrependeu-se, e vendo o ditto Ciprião de Figueiredo o homem maginativo, logo lhe pareceu mal, e lhe dice que pois elle vinha a servir o Snr. D. Antonio, que fosse em a nau do

Capitão Clenis com outros portuguezes a esperar naus que viessem por el-rei D. Philippe, ou caravelas de aviso, que era bom tomal-as, e o fez embarcar contra sua vontade, e isto seria no mez de maio anno de 1582 o qual andou lá por espaço de tempo, e em vindo enganou o ditto Ciprião de Figueiredo que o deixasse ir para a ilha de S. Miguel, e que cria e fingiria ir fugido, e que lhe promettia que elle mataria a Ambrosio de Aguiar, e que elle o poria em effeito. Com isto enganou o ditto Ciprião de Figueiredo, e não fez nada, e assim enganou ambos, e depois foi muito bem despachado com o habito de Christo por el-rei Philippe.

XXIX

De como por via de França se soube do ditto Macedo ao que vinha a esta cidade.

Depois de ido o Macedo para a ilha de S. Miguel d'ahi a tres dias veio recado de França, que o Macedo, se estivesse n'esta cidade, o puzessem em cobro, porque havia lá recado da ilha de S. Miguel, que elle vinha com tenção e com effeito deliberado a matar Ciprião de Figueiredo. Ficou anojado o ditto Ciprião de Figueiredo porque o não detivera aquelles tres dias, e logo se poz a escrever uma carta a Ambrosio de Aguiar e lha mandou; e quando lhe foi dada o Macedo era ido para Lisboa a requerer despacho, e Ambrosio de Aguiar estava muito doente; e elle levou cartas suas; e sem falta o ditto Ambrosio de Aguiar escrevera o que se passava; mas d'aquella doença falleceu e ficou seu filho por governador e isto se passou, e levou certidões como Ciprião de Figueiredo se não fiou d'elle, e o mandou em companhia de francezes constrangidamente, e o mais que se contou depois.

Continua.

ARABES HESPANHOES QUE ESCREVERAM SOBRE BOTANICA E AGRICULTURA.

Conclusão.

Mohamad-Ben-Abrahan-Ben-Abdalla-Ben-Rubil, vulgarmente chamado Ebu-Assarragi.—Arabe granadino, que escreveu sobre plantas, e morreu no anno 1329.

Mohamad-Ben-Abdalla-Ben-Alkathib.—Arabe de Granada, que morreu no anno de 1398, deixando varios escriptos, sendo um d'elles sobre as hervas oleosas.

Muse-Zbu-Obaidalla.—Arabe cordovez, que nasceu em fins do seculo XIV, tendo escripto uma obra de medicina, em que tratou dos medicamentos procedentes do reino vegetal.

Mohamad-Ben-Ali-Ben-Pharad, chamado Alsaphra.—Arabe castelhano, que não se sabe verdadeiramente quando floreceu; consta, porém, que foi mui perito botânico, tendo viajado por quasi toda a Hespanha, examinando por si mesmo muitas plantas, e escrevendo depois sobre as suas virtudes. Dix-se que o rei Naser de Huadix o encarregou da formação e direcção de um jardim botânico nas immedições do seu palacio.

Do cume da gloria ao baratro da desgraça, não vae mais que um passo.